OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

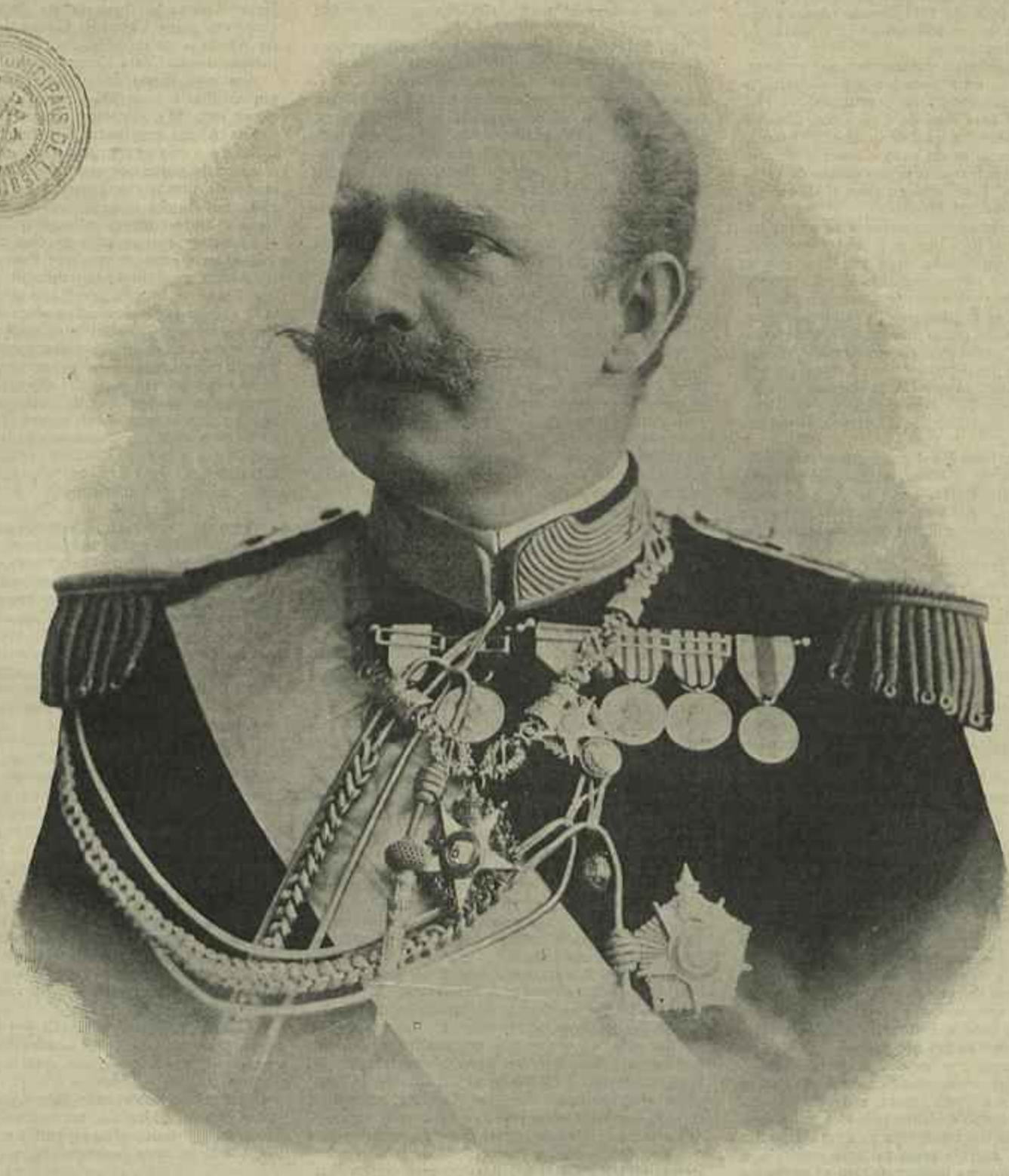
Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem	4$000	2$000	~~$~~	~~$~~
Extrangeiro e India	5$000	2$500	~~$~~	~~$~~

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1111

10 de Novembro de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.



SUA ALTEZA INFANTE D. AFFONSO, REGENTE DO REINO

(Cliché da Fotografia Fernandes)

Chronica Occidental

Recebemos agora, 9, ao meio dia, o seguinte telegrama:

«Doente, impossivel, chronica, Prudencio».

Eis-nos, pois, á ultima hora, a substituir o nosso chronista, que a doença impossibilita neste momento de aqui ocupar o seu logar, com a sua prosa brilhante e conceituosa.

Eu não sei como elle comentaria a viagem de El Rei ao estrangeiro, e que a estas horas se encontra já em Madrid; por nossa parte faremos apenas reportagem, pois não estamos no segredo dos Deuses para afirmar se o jovem monarca vae ou não escolher noiva, ou simplesmente corresponder ao gentilissimo convite oficial de sua magestade britannica para visitar a nossa aliada.

Eu sei que o leitor está cheio de curiosidade por que lhe digam se efetivamente se trata de um casamento de uma das filhas do duque de Fife com o sr. D. Manuel, e se deste modo mais se vae estreitar por laços de parentesco com a familia real inglêsa, a aliança secular do nosso país á velha Albion, mas eu não o posso afirmar.

As duas princêsas da Gran-Bretanha, que se diz, El-Rei D. Manuel tem para escolher esposa, são filhas do duque de Fife casado com a princeza Luiza, filha do rei Eduardo VII e portanto, netas do rei de Inglaterra.

Se efetivamente este casamento se realisar, pela segunda vez uma princêsa inglêsa partilha do talamo conjugal de um rei português.

A primeira foi D. Filipa de Lencastre, filha do duque de Lencastre, a qual desposou D. João I.

Uma coincidencia se dá para notar e é de que esse casamento foi tratado em novembro de 1386, quando D. João I se avistou com o duque de Lencastre em Ponte de Mouro.

O duque de Lencastre embarcara na esquadra portuguêsa, que o fôra buscar a Inglaterra, e vinha com duas mil lanças, tres mil besteiros e grande numero de peões, segundo Fernão Lopes. A 25 de julho de 1386 aportou a esquadra á Corunha, que logo se rendeu por lhe faltarem meios de defeza, e áquelle porto vieram os embaixadores do rei de Castéla encontrar-se com o duque de Lencastre, a confirmarem os direitos do seu soberano ao trôno, propondo ao duque o casamento de uma sua filha com o principe D. Henrique herdeiro do trôno de Espanha, proposta que foi recusada.

Entretanto D. João I sabendo que o duque de Lencastre estava na Galisa, partiu sem demora para a cidade do Porto, onde se juntou com o condestavel Nuno Alvares, e tudo se preparou para receber o hospede inglês com extraordinario luzimento.

A entrevista realisou-se, emfim, em Ponte de Mouro, como disse, sob aquella barraca de campanha que o rei D. João I de Castéla perdera na batalha de Aljubarrota.

Ali se concertou o tratado de aliança ofensiva e defensiva contra quaesquer inimigos dos dois contratantes, e se ajustou o casamento de D. João I de Portugal com a filha segunda do duque de Lencastre, preferindo o rei esta princêsa á primogenita D. Catarina, com o fundamento de evitar futuras complicações politicas de direitos de sucessão.

Este ajuste se fez no dia 1 de novembro e o casamento efetuou-se em 2 de fevereiro de 1387, no Porto, com grandes festas, que outras assim não se tinham visto na cidade, havendo danças e cantares publicos, como era de uso, no meio de extraordinario luzimento da côrte e prelasia, não faltando grande banquete de que o condestavel, *servidor de toalha e copa*, foi mestre-sala.

Na sua linguagem pitoresca descreve Fernão Lopes as festas deste casamento, de que não deixa de ser curioso o seguinte trecho: «Emquanto o espaço de comer durou, faziam jogos á vista de todos homens, que o bem sabiam fazer: assim como trepar em cordas, e tornos de mesa e salto real: as quaes acabadas alçaram-se todos e começaram a dançar: e as donas em seu bando cantando arredor com grande prazer. El Rei se foi entanto para a sua camara, e depois de cêa, ao serão, o arcebispo e outros prelados, com muitas tochas acesas lhe benzeram a cama daquellas bençãos que a Egreja para tal acto ordenou, e ficando el-rei com sua mulher, foram-se os outros para suas pousadas».

D. Filipa de Lencastre era senhora de grande tino e de superior educação, e deste casamento nasceu a progene mais brilhante de principes que houve em Portugal, para o que não pouco influiu sua mãe e grande educadora rainha, que foi ao mesmo tempo exemplo de bons preceitos para a côrte portuguêsa.

Afinal derivámos da reportagem para a historia, culpa do Fernão Lopes, que temos sobre a mesa, e que nos tentou a proposito do possivel casamento do nosso rei com uma princêsa inglêsa.

Mas não se trata só de corresponder ao convite de Sua Magestade Britannica, mas ainda de pagar a visita que o rei D. Affonso XIII fez ao sr. D. Manuel, em Vila Viçosa, em fevereiro deste anno. Essa visita foi, como El-Rei declarou no parlamento, «de um amigo, como irmão», sem carácter politico, mas testemunho de amisade e de simpatia entre os dois monarcas da Peninsula, dois jovens a quem basta a mocidade para naturalmente se atrairem.

El-Rei D. Manuel partindo de Lisboa no dia 7 ás quatro horas e 10 minutos da tarde, teve na estação do Rocio a despedida afetuosa de uma assistencia em que, áparte todo o elemento oficial, se encontravam representadas todas as classes no unanime sentimento de manifestarem a sua grande simpatia ao joven monarca e ás instituições que elle representa.

El-Rei devia partir satisfeito, com a sua mocidade e a legitima aspiração de visitar os centros mais civilisados, que lhe convém conhecer de visu proprio, como chefe de uma nação que aspira a realisar todos os progressos dessas civilisações mais avançadas.

Sua Magestade vae acompanhado pelo ministro dos estrangeiros sr. conselheiro Roma do Bucage, srs. conde de Sabugosa mordomo-mór, D. Fernando de Serpa, ajudante de campo de El-Rei, D. Thomaz de Mello, medico da Real Camara, visconde de Asseca, oficial ás ordens, marquês do Faial, camarista, marquês do Lavradio, secretario particular e Antonio Bandeira, secretario do ministro dos estrangeiros.

Foram apenas umas dezenove horas de comboio, pois que ás 11 horas da manhan do dia seguinte chegava a Madrid, onde era recebido na *gare* pelo rei D. Affonso XIII, infante D. Fernando, ministerio espanhol, presidente do congresso de deputados e senado, pessoal da legação portuguêsa e todo o mais elemento oficial de Madrid, sendo-lhe prestadas as honras militares.

A cavalheirosa Espanha preparou-se para receber condignamente o rei português, organisando o governo o seguinte programa de festas para os cinco dias que o sr. D. Manuel é seu hospede:

Segunda-feira, 8 — A's 11 horas da manhan, chegada de Sua Magestade. Recepção oficial na estação do Norte. A' tarde, visitas. A's 7 horas, recepção ao corpo diplomatico. A's 8 e meia, jantar de gala e concerto.

Terça-feira, 9 — De manhan, revista militar no campo de manobras de Carabanchel e almoço na legação de Portugal. De tarde, visita aos museus. A' noite, jantar em casa do infante de Espanha.

Quarta-feira, 10 — De manhan, caçada na Casa de Campo. A' noite, recepção e concerto na camara municipal.

Quinta-feira, 11 — Excursão a Toledo.

Sexta-feira, 12 — De manhan, visita ao palacio d'El Prado e almoço oferecido pela oficialidade do regimento de Castella. De tarde, visita ao Escurial e partida para França.

De Madrid segue El-Rei D. Manuel até Cherburgo, sendo aguardado em Hendaya pelo prefeito dos Pirineus e o general do 18.º corpo do exercito francês, para em nome do governo da França saudarem o monarca português. O presidente Fallières poz á disposição do sr. D. Manuel o vagon salão presidencial para o conduzir a Cherburgo, onde serão prestadas as honras militares a Sua Magestade, que embarcará no *yacht* real inglês *Victoria and Albert*, até Portsmouth, e ali é esperado pelo principe de Galles.

No dia 15, anniversario do sr. D. Manuel, deve encontrar-se em Windsor, onde se realisará um banquete em sua honra.

No dia 16 haverá uma caçada no grande parque, e á tarde celebra-se a ceremonia da investidura de El-Rei na Ordem da Jarreteira, seguindo-se um jantar de gala.

Nos dias seguintes até 23, realisa-se, por sua ordem, a visita á *City* com almoço no Guild Hall, oferecido a El-Rei pelo lord-maior de Londres; concerto no teatro de Windsor, mais uma caçada, passeios e espetaculos no teatro, etc.

Terminada a visita oficial, Sua Magestade toma o incognito e assim passa dois ou tres dias em Londres, hospedado no palacio real de Buckingham.

De Londres segue El-Rei a Paris a visitar oficiosa e não oficialmente — por obediencia ao protocolo — o presidente Fallières, demorando-se ali tres dias, em que será oferecido ao sr. D. Manuel um jantar no Elyseu, um concerto e uma caçada em Rambouillet.

Parece-me inutil encarecer as vantagens desta viagem regia, que conduz a continuar a politica de aproximação ou de relações mais intimas com as potencias, que El-Rei D. Carlos encetou, e que, a caso, o fim tragico deste monarca, terá prejudicado, pelo terrivel efeito moral que esse acontecimento produziu em todo o mundo civilisado, em desfavor do nosso país.

Caetano Alberto.

S. A. o Sr. Infante D. Affonso, Regente do Reino

Em consequencia da viagem de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II ao estrangeiro, para onde partiu em 7 do corrente, assumiu, desde esse dia, a regencia do reino, Sua Alteza o Sr. Infante D. Affonso, considerado atualmente Principe Real, conforme a Constituição do país.

Sua Alteza o Sr. Infante, Duque do Porto D. Affonso Henriques Napoleão Maria Luiz Pedro de Alcantara Carlos Humberto Amadeu Fernando Antonio Miguel Rafael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco de Assis João Augusto Julio Valpando Ignacio de Bragança Saboia Bourbon Saxe Coburgo Gotha, nasceu no paço da Ajuda a 31 de julho de 1865, anniversario do juramento da Carta Constitucional.

Aos oito annos de edade (1873) sentou praça em artilharia 1, sendo promovido a segundo tenente em 1882, seguindo postos até á atualidade.

Sua Alteza tem natural inclinação para a vida militar e a ella se tem dedicado em seus estudos, e tomando parte nos exercicios tanto da sua arma como de armas combinadas, é hoje um dos oficiaes superiores mais instruidos do exercito português, onde é muito estimado.

Em 1895 deu-se uma revolta na India portuguêsa ao mesmo tempo que Portugal sustentava na Africa a celebre campanha do Gungunhana e em Timor se tinham revoltado os indigenas.

O governo português mandara destacar da India algumas forças militares para a Africa e isso deu causa á revolta dos maratás que entendiam não lhes pertencer aquelle serviço.

A situação era grave e necessario se tornava uma expedição militar da metropole para dominar os revoltosos. Essa expedição organisou-se em cinco dias e compunha-se de 444 praças de infantaria 3 com 11 oficiaes; uma companhia de cavalaria 3, na força de 70 praças e 4 oficiaes; uma secção de artilharia de montanha, na força de 40 praças, 1 oficial e 10 muares, pessoal de serviço de saude, administração militar, etc., tudo sob o comando do sr. Infante D. Affonso, ao tempo tenente-coronel honorario de artilharia.

Sua Alteza tomando o comando desta expedição deu uma prova do seu espirito militar e ao mesmo tempo patriotico. A expedição partiu de Lisboa em 21 de outubro de 1895 e foi corôada do melhor resultado, para o que muito concorreu a presença de um principe português para com seu prestigio restabelecer a ordem entre aquelles povos onde o grande Affonso de Albuquerque fundara um imperio.

Ainda o espirito patriotico do sr. D. Affonso se afirmou levantadamente, quando, em 1892, Sua Alteza tomou parte importante na organisação de um torneio á antiga, e que ficou memoravel como a festa nacional mais caracteristica e mais simpatica á alma portuguêsa. Referimo-nos ao torneio realisado no Hipodromo de Belem, em 24 de abril do citado anno, a beneficio dos naufragos da Povoa de Varzim.

E' o sr. Infante D. Affonso o fundador de um Instituto a que deu o seu nome, para a educação de orfans filhas de militares, instituto que lhe tem merecido seus melhores cuidados.

Em extremo afavel e bondoso, é altamente estimado pelo exercito e pelo povo tornando-se bastante popular.

Tio de Sua Magestade El-Rei D. Manuel, tem sido para seu augusto sobrinho de uma dedicação paternal, na dificil senda que o jovem monarca tem a trilhar.

Sua Alteza assumindo agora, pela primeira vez, a regencia do reino, encontra-se bem na alta missão que tem a desempenhar e com o consenso de todos os leaes portuguêses.

Não se póde julgar um homem pelo seu vestuario, mas póde-se julgal-o pelo vestuario de sua mulher.

O Tropheu de Xadrez Luzo-Britannico

(Outro trecho da «Ode Triumphal» á Rainha D. Amelia, declamada no sarão do Gremio Litterario, para inauguração solemne, em 14 de outubro de 1909)

A RAINHA DAS TÁGIDES

O' da calada viseira!
Pertenceis ao Santo Graal?
Sois de linhagem estrangeira,
Ou da gleba occidental?
Donde vindes? Ad'onde ides,
Accendendo marcias lides?
Como escudo alvoreceu
De alvos e brancos quadrados?
Sois da Ala dos Namorados,
De Aljubarrota, ou Pireo?

O TROPHEU DO XADREZ

Sou de Vós, Ilha radiosa,
Impossivel de abordar
Sem velas de mariposa,
Faiscando pelo ar.
Mais que Almourol encantada,
Mais que o Valalla sois! Fada,
Volteando em Vossa Mansão
Abelha, cysne, andorinha,
«Ai! Como é bella a Rainha!»
Suspiram com emoção.

Sou de Vós, Campo esmaltado,
Que só tem jus de lavrar
Lá do Empyreo o eterno arado
De radio estreme e sem par.
Donde venho? Da Victoria.
Onde marcho? Para a Gloria.
N'umas guerras de xadrez,
Em que o Intellecto foi tudo,
Conquistei corsel, escudo,
No Gremio, no Club Inglez.

Sou da *Tavola Redonda*
Hodierna resurreição,
Que de *Lancellot* bem sonda
E condemna a ruim paixão.
Nove diamantes que tinha
Em nove sóes posto em linha
De *Guinever* por amor
Eram mimo sem franqueza,
Por faltar-lhes a pureza
De Parsifal, Galaor.

O nono, que era o mais grado,
A pura Elaine cegou;
Fez-lhe tumba do noivado
Que, casta Enide, sonhou.
E' sempre o mau pensamento
Algoz do proprio tormento.
O pundonoroso Artur,
Que perdoou á Rainha,
Fez fulgurar, sem bainha,
Como um raio Excalibúr.

De Vós sou. Porque só vivo
Para Vós que, sem saber,
Sois do meu ser o motivo.
Quanto de Vós folgo em ser!
Que a Divina Providencia
Vos abençôe a existencia,
Lyrio, Magnolia, Cristal!
Que possa não ser chimera
Do Cosmos na infinda esphera
Terdes Iris triumphal.

Com patria de tal grandeza,
Pois sou, deveras, de Vós,
Provo mais alta nobreza
Que tendo milhões de avós.
Nem é caso nunca ouvido,
Que, com solio tão subido,
Nunca i fizesse ascensão.
Junto a Sirio, por certo,
O ceruleo Ceu aberto
Proclama... que é Vosso Irmão.

Musas! Graças! Vinde, em verso,
Com musicas saudar
A Perola do Universo
De envergadura sem par.
Vestidas de grande gala
Do Empyreo cantae na sala:
«Que immenso eclipse total
«Nos lumes de melhor oiro!
«Do Firmamento o thesoiro
«Nunca viu Cruzeiro egual!
«Lucido Archanjo do Paço!
«Espelho da Perfeição!
«Quanto protege o Seu Braço
«Inspira veneração.
«De Amelia o natal saude
«Das Sciencias o alaude,
«Da Arte cytharas sem par!
«Amelia é o sol da Ventura,
«Do Bem, da Paz, da Candura:
«Tem de virtudes collar!»

ALFREDO ANSÚR.

O casamento de S. A. o principe D. Miguel de Bragança

Celebrou-se em 15 de setembro, na egreja catolica de Dingwall, na Escossia, o casamento do principe D. Miguel de Bragança com Miss Annita Stewart, de nacionalidade americana, mas de origem escocesa como mostra por seu apelido.

A' noiva, a quem o imperador de Austria agraciou com o titulo de princesa, foi-lhe tambem concedido o titulo de duquêsa de Viseu, titulo que como se sabe, acabou com o quarto duque de Viseu, D. Diogo, irmão do que foi depois rei D. Manuel I e primo de D. João II, que o matou.

Este casamento principesco, apesar de ter sido uma festa intima, foi um acontecimento na velha cidade da Escossia, onde desde os tempos da desventurada rainha Maria Stewart, não se realisava um casamento real.

Dingwall revestiu-se das suas melhores galas para receber os noivos, embandeirando-se todos os estabelecimentos publicos e muitas casas particulares, assim como o palacio municipal e o monumento de Hctor Macdonald.

A população correu toda a saudar os principes conjuges, e a imprensa escossesa recordou um outro consorcio luso-português, qual foi o de D. João I de Portugal com D. Filipa de Lencastre de Inglaterra.

Na vespera chegaram a Dingwall o sr. D. Miguel de Bragança e sua esposa a sr.ª D. Maria Thereza de Loeweustein, as infantas sr.ªs D. Aldegundes, condessa de Bardi, D. Sofia da Baviera e infante D. Francisco José. O inperador de Austria fez-se representar na ceremonia nupcial pela legação austriaca de Londres.

A noiva chegou ao meio dia, em automovel, á egreja de Dingwall, acompanhada por seu irmão Mr. W. Stewart, vestindo o uniforme escossês.

A *toilette* da noiva era em mussilina de seda branca com grande cauda. Adornava-se com um riquissimo colar de perolas e brilhantes, presente de sua mãe, e um diadema tambem de brilhantes e safiras, joia de familia, que o noivo lhe ofertou.

O sr. D. Miguel de Bragaeça vestia a farda da ordem de Malta, e seu pae o uniforme de coronel austriaco com o Tosão de Ouro, gran-cruz de Cristo, etc.

Celebrou o casamento o rev.mo bispo de Abeerden, assistindo tambem o paroco de Dingwall, etc.

Na pratica alusiva ao acto, o rev.mo bispo recordou as tradições da Casa de Bragança e notou a coincidencia da aliança de um principe com uma senhora de apelido Stewart, o mesmo nome da ultima rainha da Escossia independente e livre.

A' sahida do cortejo nupcial, a banda do regimento escossês tocou a marcha de Mendelsson, no meio de grande entusiasmo da multidão que saudava os noivos, e se dirigiam em automovel para o Castele de Tulloch, onde foi servido o almoço, a que assistiram todos os convidados que haviam comparecido á ceremonia religiosa.

Durante o almoço, em que se trocaram afétuosos brindes, tocou a mesma banda no parque do Castelo.

Os noivos retiraram depois para a estação de Inverness, indo passar a lua de mel num palacio das cercanias.

A' amabilidade do nosso colega a *Nação*, que muito nos penhora, devemos o poder apresentar a nossos leitores o grupo dos noivos com sua familia e a vista do Castello de Tulloch onde celebraram as bodas.

A mulher é um altar sagrado em que o homem adora o seu creador.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XVIII

(Continuado do n.º 1110)

Digamos um ultimo adeus á Floresta Egipcia e passemos adeante.

Na rua do Arco, tornejando para a da Escola, ha um predio grande com dois andares de onze janellas de frente. E' a casa vulgarmente conhecida pelo palacio do conde de Ceia.

Foi construido o predio, antes de 1760, por Antonio Rebello de Andrade, meirinho da Inquisição e cidadão natural de Lisboa, onde fôra baptisado na freguezia de Santa Justa, (1) em um chãos da quinta dos Soares, que D. Rodrigo lhe aforára, pegados ás suas casas de moradia.

Ahi morava já Antonio Rebello em 1762. Tres annos depois, sendo já falecido, pertencia a propriedade á sua viuva, D. Francisca de Assis e Seixas, e a seu filho José Antonio Rebello que ahi moravam em 1766 com sete criados de estado. (2)

Em 1769 habitavam os senhorios o andar nobre e alugavam o segundo por 350:000 réis a D. José de Menêses; em 1789, e deste anno até 1810, esteve sempre alugado ao marquês das Minas que o ocupava todo com um estadão de 20 criados. Tinha então o palacio os numeros de policia 27 a 35. (3)

Em 1817 chamava-se o inquilino Ricardo Dordes e pagava um conto de réis de renda, e em 1823 alugava-o o marquês de Vagos por réis, 800:000, e nelle vivia com 8 criados, 1 parelha de cavalos de tiro, 1 cavalo de séla e uma besta de carga. (4)

José Antonio Rebello, o proprietario do predio, faleceu por este tempo e a casa foi vendida. Em 1833 pertencia ao negociante Manuel de Miranda Correia, cavaleiro do habito de Christo e já nesse anno ahi habitava o conde de Ceia, D. Antonio Manuel de Menêses, Gentil-homem da Camara de El-Rei D. João VI, Grã cruz de Villa Viçosa, comendador de Aviz e Torre e Espada e capitão de fragata da Armada Real, o qual era casado com uma sua filha, D. Mariana de Miranda Correia, dama da Rainha D. Carlota Joaquina.

Falecido o sogro, entrou o conde de Ceia na posse do palacio que legou a seu filho o 2.º conde de Ceia, chamado tambem D. Antonio Manuel de Menêses, como seu pae.

E' sabido como o 2.º conde acabou, miseravel e roto, esmolando dez réis para cigarros. Alcoolico e tropego veiu a falecer, sem descendencia, depois de ter vendido o palacio comprado aos Rebellos por seu bisavô materno.

Acêrca desta venda correm as mais desencontradas versões. Dizem uns que um prestamista o obtivera, menos licitamente, obrigando o conde a assinar enganado a escritura de venda; contam outros que o conde o vendera por sua livre vontade por uma quantia infima. Ouvi dizer que por nove contos de réis.

Fôsse como fôsse o palacio passou outra vez de donos e veiu mais tarde parar ás mãos do sr. Amaral, opulento argentario. Depois possuiu-o o Visconde de São Tiago de Caiolla e por morte da senhora Viscondessa ficou ao seu viuvo D. José de Saldanha da Gama, em usofruto.

Sei que actualmente se litiga a posse da propriedade. Das particularidades deste litigio, nada sei.

* * *

Em 1812 anunciou-se na *Gazeta* o seu aluguel, mencionando-se que os travejamentos, portas e sobrados eram de madeira do Brasil. Parece que não apareceram pretendentes por que nessa data, como vimos, não mudou de dono. (5)

O palacio tem um magnifico aspéto, não correspondendo o interior ás fachadas que indicam mais acomodações do que as que realmente tem. Possue um vasto jardim para a banda de traz, cercado por um muro que vae encontrar, pela rua do Noronha, as novas dependencias da Imprensa Nacional.

(1) Era filho de João Rebello de Andrade, da freguezia de Santa Justa de Lisboa e de D. Paula da Mota Henriques de Oeiras. Habilitações para o Santo Oficio de Antonio e José Antonio Rebello. Processos 73-1439 e 37-1277 (Torre do Tombo.

(2) Livros da decima, já citados.

(3) Idem.

(4) Idem.

(5) *Gazeta de Lisboa* de 1812.

A viagem de S. M. El-Rei D. Manuel II ao Estrangeiro

Coronel Conselheiro Roma du Bocage
Ministro dos Estrangeiros

S. M. El-Rei D. Manuel II

Conde de Sabugosa
Camareiro-mor de El-Rei

Coronel D. Fernando de Serpa
Ajudante de Campo de El-Rei

D. Thomas de Mello Breyner
Medico da Real Camara

Visconde de Asseca
Capitão de Engenharia
Oficial de ordens de El-Rei

Marquês do Lavradio
Secretario particular de El-Rei

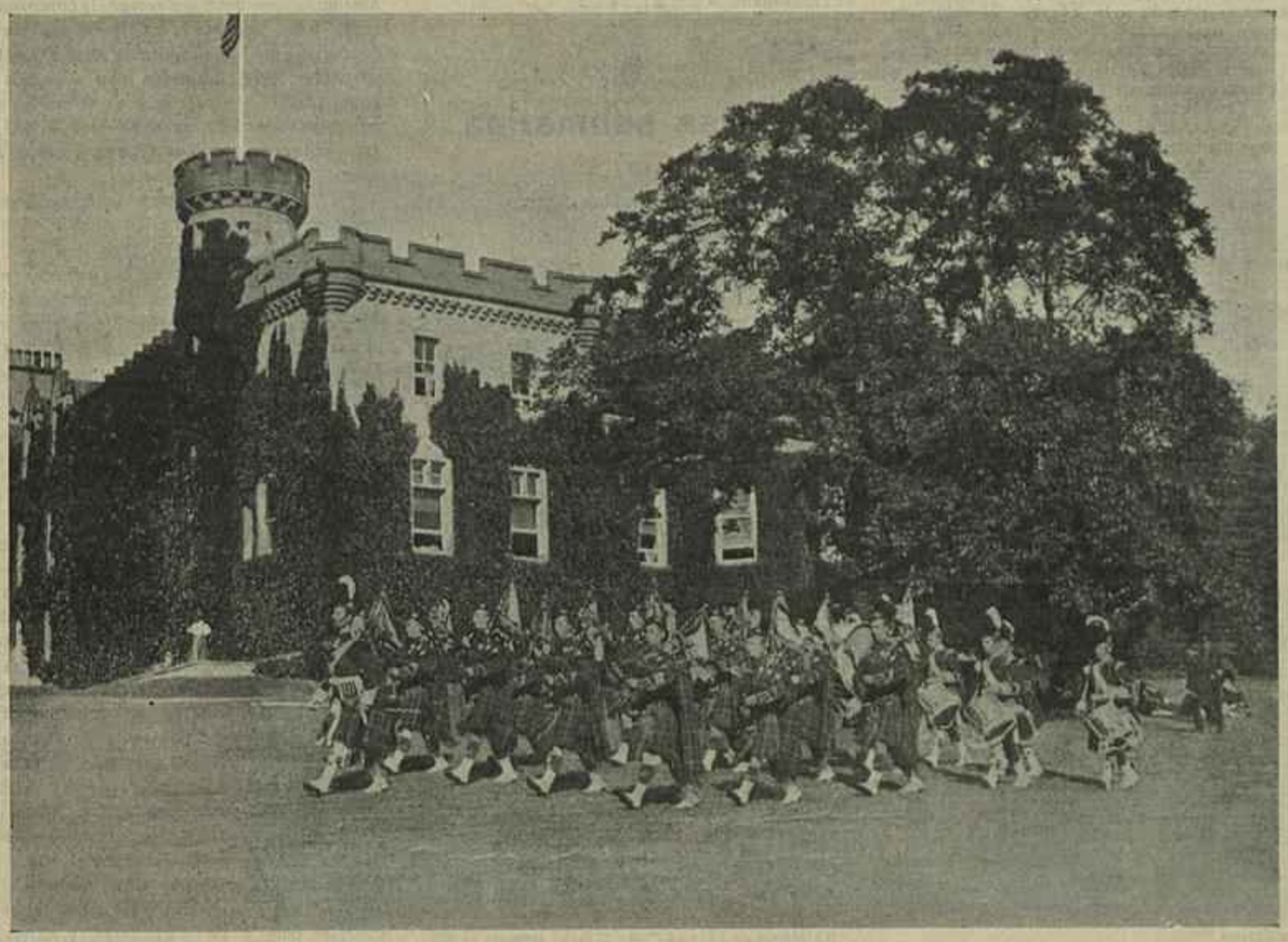
Marquês do Faial
Camarista de El-Rei

Antonio Bandeira
Secretario do ministro dos Estrangeiros

A COMITIVA REAL. *(Vid. Chronica Occidental)*

O casamento de S. A. o Principe D. Miguel de Bragança

W. Stewart (irmão da noiva) — Conde Cseckonics — D. Miguel de Bragança — Os noivos — Conde Sigray
D. Francisco de Bragança — D. Alexandre Saldanha da Gama



O Castelo de Tullcch onde se celebraram as bodas

A escadaria é bonita e alegre, com o této do vão, em oval, estucado a côres. Tem á frente cinco salas enfileiradas ocupando a do meio o vão das três janellas centraes da fachada e as quatro réstantes dois vãos cada uma. Todos os tétos são de estuque e as paredes teem todas um rodapé alto de azulejos do Rato, em bom estado, representando caçadas, cenas campestres, etc.

O pateo de entrada é espaçoso e corresponde á sala maior do andar nobre. Lembro-me de ver atravez das grades das janellas baixas uma enorme téla a oleo que ocupava toda a parede do lado esquerdo.

Por varias vezes tentei observá-la em melhores condições de luz, mas nunca o consegui.

No segundo andar morou o ilustre professor e clinico dr. Sousa Martins. Recordo-me tambem de ahi morar o conde da Feitosa. E é o que sei.

Actualmente, desde o 2.º semestre do anno passado, (1908), está instalada no andar nobre a Nunciatura. No segundo mora o sr. Visconde de Odivellas.

Sua Eminencia o sr. Nuncio faz as suas orações na antiga capéla da casa, que era interior. Quando visitei o palacio, já não tinha vestigios de altar, nem qualquer sinal de culto.

* * *

Paulo Perestrello da Camara, no seu livrinho, já varias vezes mencionado, diz a paginas 190:

«No bairro da Cotovia está o palacio do conde «de Ceia, de bella aparencia e arquitetura e quasi «em frente o do conde de Povolide, uma casa «quadrada, toda de gosto moderno, sem estilo de arquitetura mas de agradavel exterior, comodo e rico interior. (1)

Defronte do palacio dos Rebellos havia, em 1769, tres propriedades nos casos de corresponder á indicação de Perestrello da Camara. Devem ser as mesmas que hoje lá estão, apenas modificadas pelos restauros e obras efectuadas neste, aliás, longo prazo.

Vejamos quaes eram.

A primeira, tornejando para a travessa de S. Mamede, era naquella data de Monsenhor Furtado, Principal da Igreja Patriarcal; em 1789 estava em poder dos seus herdeiros e, em 1810, pertencia, por herança, ao Visconde de Barbacena, estando alugada a D. Thereza Theodora de Lencastre, nesse tempo proprietaria de dois predios contiguos. Pertence actualmente esta construção ao sr. Dias Ferreira, por compra feita, o anno passado, a um dos filhos do falecido conselheiro Visconde de Alves de Sá, presidente do Supremo Tribunal de Justiça. (2)

A segunda propriedade, pertencia em 1770 a um tal José Antonio de Castilho, que nella residia com 7 criados. Em 1870 era sua proprietaria a já citada D. Thereza Theodora de Lencastre e ahi residia tambem em 1833, com um estado de 5 creados e 1 parelha. Tinha então os numeros de policia 47 a 51. E' a casa onde mora e tem o seu consultorio o dr. Narciso Alberto de Sousa. (3)

A terceira, hoje augmentada com um côrpo de tres janellas de sacada onde outrora foi um jardim-terraço, era de D. Miguel de Portugal, na data acima referida. Em 1790 estava alugada a um tal Francisco de Sequeira por 144:000 réis, e em 1810 passara para as mãos da citada D. Thereza Theodora. Em 1833 morava nella o Principal D. Desiderio de Lencastre e tinha os numeros 52 a 54. (4)

Sobre a primitiva edificação bordou, ha annos, um palacete, um cavalheiro de nome Guerra e todos se recordam de ver o jardim alto, cuja maior curiosidade consistia no panorama da serra de Cintra, coroada pelo Castello da Pena, que se via pintado, como a servir de fundo ao jardim na parede lisa do predio contiguo.

Em 1833 seguiam a estes uns predios abarracados, de que não ha vestigios e que estão, pela sua construção acanhada e humilde, fóra da indicação referida.

Qual destas seria a casa do conde de Povolide? (5)

(1) *Descripção de Lisboa* em 1839, por Paulo Perestrello da Camara.
(2) Livros da Decima, já citados.
(3) Idem.
(4) Idem.
(5) O conde de Povolide, Luís José da Cunha Grã Ataíde e Mello, quarto do titulo, nascera a 3 de setembro de 1778 e fôra casado com D. Maria Benedicta do Patrocinio de Castro, filha dos condes de Rezende — Era tenente-coronel ajudante do Governo das Armas da Corte e Comendador da Ordem de Christo.

Declaro, muito á puridade, a minha ignorancia. Uma nota ainda.

Numa das lojas da casa do Visconde de Barbacena teve, em 1835, o seu estabelecimento, o cabeleireiro francês Louvel, émulo talvez do Andriliat da travessa do Secretario da Guerra, de Mr. Edouard que vendia chinós na rua do Oiro ou do Hilaire, da rua do Loureto, cabeleireiro de sua alteza a Infanta D. Anna de Jesus Maria. (1)

(Continua). G. DE MATOS SEQUEIRA.

(1) *Gazetas de Lisboa* n.os 16 e 75 do 1.º semestre de 1835.

O MEZ METEOROLOGICO

Outubro 1909

Barometro. — Max. altura 770mm,4 em 8.
» Min. » 752mm,4 em 27.

Durante o mez, o barometro attingiu 770mm, nos dias 3, 8 e 24. Um minimo barometrico importante de 27 a 31, deu algumas chuvas.

Termometro. — Max. altura 30°,2 em 4.
» Min. » 8°, 5 em 31.

A primeira dezena foi de temperatura em extremo elevada attingindo em 3, 29°,9 e em 4, 30°,2. E' a primeira vez desde que ha registo, que em outubro se notam dois dias seguidos com temperaturas tão altas. O calor manteve-se, como dissemos, até ao dia 11, sendo em 10 a maxima observada 29°,5, a maior observada n'este dia desde 1854. Em 12, abaixamento sensivel. Temperatura normal até 25, em que se deu uma baixa consideravel fazendo frio a partir d'essa data. Em 31, as extremas do thermometro foram 13°,6 e 8°,5, sendo a média 10°,78, a mais baixa conhecida em outubro.

Este mez é, portanto, notavel, pela grande desegualdade de temperatura entre o principio e o fim.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 16 dias.
» Nublado 14 dias.
» Encoberto 1 dia.

Chuva — 29mm,7 em 8 dias, sendo em 26, a altura registada, de 19mm,2.

Nevoeiro — Em 1.

Halo solar — Em 5.

Halo lunar — Em 24, 25 e 27.

Não se registou trovoada.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1110)

«*Março*, 3. — Se Jasper Begg viesse por mim; como o receberia? Como me poderia soccorrer? Não sei, mas o meu coração de mulher pede que venha.

«*Abril*, 4. — Houve um novo periodo da epidemia do somno, mas foi curto.

«Um barco desfez-se contra os rochedos da costa, e a tripulação embarcou em lanchas e dirigiu-se á ilha principal.

«Das minhas janellas, á luz da lua, via tudo perfeitamente.

«Cahiam um a um, no meio da ladeira do bosque, e ficavam adormecidos. Podiam contar-se os corpos, á claridade da lua.

«Tratei de afastar da minha imaginação aquella visão terrivel que me acompanhou até ao leito.»

Dobrei o caderno e analysei a cara dos meus companheiros.

O cachimbo de Peter Bligh tinha-se apagado e elle nem sequer pensava em o levar á bôca. Dolly Venn, continuava deitado a meus pés. Seth Barker, não se movera nem uma linha, durante todo o tempo que durou a leitura. Esta historia havia-o impressionado bastante, o que não era de admirar, pois naturalmente viria tambem a dar-se comnosco.

— Peter — disse — ouviste o que madame Czerny escreveu, e agora, estás tão adiantado como eu estou. Qual é a tua opinião?

Vazou o cinzeiro do cachimbo na palma da mão e começou depois a enchel-o de novo.

— Capitão — disse elle, depois de accender o fornilho e atirando para o ar uma nuvem de fumo — que idéas ou opiniões quer que tenha, que não possa ter qualquer cabeça melhor do que a minha? Esta ilha é uma ratoeira e se não sairmos d'ella, não sei como a coisa será. O nosso barco, não se sabe d'elle, e é para mim ponto de fé, o ter-lhe succedido alguma fatalidade. Como é possivel, que um homem digno abandonasse os seus companheiros, se não fosse algum incidente? Mister Jacob não é dos que se entreteem a cantar psalmos, quando sabe que estamos sem mantimentos. Não é capaz de o fazer, me parece. Ocorreu portanto qualquer coisa. Não vem porque não póde vir, a qual é, como dizia meu pae, a melhor de todas as razões. O que devemos fazer, ou pelo menos pelo que opino, é que devemos partir sem o esperar.

— E caminharemos sobre as ondas, como Ulysses dizem que fez — exclamou Seth Barker.

— Mas não temos lancha, e não me parece que a possâmos fazer de folhas d'arvores — observou Dolly Venn. Talvez mister Jacob venha ámanhã.

— E talvez a gente não tenha fome até amanhã — retorquiu Peter Bligh. Essa é que é a questão, capitão, d'onde nos virá o rancho?

Reflexionei um minuto, e depois observei:

— Dolly Venn ouviu hontem o toque de alarme, e que deve ser o signal, conforme descreve Ruth Bellenden. Não podemos, portanto, descer á ilha. Segundo ella diz, a morte nos surprehenderia. Tambem não podemos ficar aqui, porque morreriamos de fome. Se algum tem qualquer idéa para sairmos d'isto, é dizer. Folgarei com isso. O que é certo, é que temos de fazer alguma coisa.

Ficaram a olhar para mim, mas nenhum respondeu.

Estavamos entre o inferno e o mar, e no intimo dos nossos corações começavamos a pensar que se o barco não viesse antes de decorrerem algumas horas, pouco nos importaria que viesse ou não, pois estavamos irremediavelmente perdidos, a não ser que se produzisse um milagre.

XI

Luzes debaixo do mar

O dia estava terrivelmente quente, sem um sôpro sequer de viração e com o sol do Pacifico caindo como fogo sobre as escalavradas rochas. O escasso refugio de que podiamos dispôr, era a gruta, por detraz do alpendrado rochedo, mas raras vezes desviavamos os olhos do mar e com frequencia perguntavamos uns aos outros, que poderia ter occorrido a Clair-de-Lune, e por que não voltaria o barco. Que o velho tinha motivos para não vir, era para nós ponto de fé; mas a ausencia do barco, isso ainda era mais grave. Ou Jacob se via impedido de nos ajudar, ou se tinha equivocado com as ordens que eu lhe dera.

Não sabia que pensar a tal respeito.

— E' possivel que o francez se tenha descuidado com o nevoeiro fatal, e esteja dor-

mindo o somno de que tanto nos falava — disse Peter Bligh lugubremente.

O caso é, que todas as palavras pronunciadas n'aquelle dia, foram sempre lugubres.

— E o peor — continuou — é o tal somno não prestar para cosinhar!... Com todo o gosto o comeria, ainda que fôsse sem batatas.

Riram-se d'aquillo e Peter sempre pensando em comer, apertou mais um furo no cinto.

Quem me mettia mais pena era o pobre Dolly Venn, ainda que o pobre rapaz affectava um animo como poucos.

— E tu, Dolly, tens fome?

Foi um disparate da minha parte, fazer-lhe tal pergunta, mas elle, sorrindo, respondeu-me:

— O jejum é bom para a saude, segundo diz o prior lá da minha terra, e pelos modos faz a gente santa. Parece que já estou a vêr Peter com um nimbo em volta da cabeça, como S. José, se acaso nos demorarmos muito tempo n'estes sitios.

Peter Bligh não gostou da brincadeira, e respondeu mal humorado:

— Que leve o diabo os nimbos! Será coisa de christãos roubar a um homem o alimento? Dá-me um bom bocado de carne, e verás como renuncio a figurar nos altares das igrejas. Não sirvo para isso, tenho má cara para santo.

— Se estivermos muito tempo sentados n'esta rocha — observou Seth Barker que era homem paciente — algum de nós ficará feito em torresmos. Isto não é queixar-me, capitão, mas parece-me que o que digo é verdadeiro.

Eu tambem já tinha pensado o mesmo e ia a dizel-o, quando Peter exclamou:

— Haja ou não nevoeiro lá em baixo na praia, sou de opinião que vamos dar um passeio até lá. Não estou disposto a que os abutres me comam aqui. O capitão naturalmente vem tambem?... Tenho a barriga mais sêcca do que a pelle d'um tambor!... Até se lhe podia tocar a marcha real...

— Pensas que serei capaz de te deixar ir sósinho? Estás enganado!... Espera que escureça um pouco e tu verás como te vou ensinar o caminho.

Agradou-lhes esta minha resolução e Dolly Venn falou então em nome de todos:

— Não irão só os dois, não é verdade capitão?

— Pelo menos assim penso, mas voltarei breve pelo mesmo caminho. Nada receio por mim; tenho andado mettido em mais de um nevoeiro, e tenho-me sahido bem sempre, comquanto os nevoeiros não sejam da minha predilecção. Se ha perigo, é lá em baixo, e bastam os olhos de um só homem para vêl-o. Não ha necessidade de nos expôrmos todos. Mas não me esquecerei que teem fome, e se encontrar algum pato assado, prometto trazer a Peter uma aza.

Pensaram um bocado sobre o que eu dizia, e depois Peter Bligh, fazendo com os dedos uma cruz, jurou que iriam todos correr os mesmos riscos, quer fôsse bôa ou má, a sorte que nos esperava.

Seth Barker não se mostrou menos decidido, e quanto a Dolly, creio que começaria a chorar como uma creança se lhe dissessem para não ir tambem.

No fim tive de ceder e combinamos que sahiriamos todos juntos quando chegasse o momento opportuno.

— Faça-se a sua vontade, amigós, e não a minha. E sendo assim, vou pedir a Peter um pouco de tabaco, porque o meu já se acabou. Comeremos esta noite, quer haja neve quer não. E muito enxôfre terá a comida, se Peter não encher o estomago. Não é verdade, Peter? Que dirás tu de um bello guisado irlandez com umas batatinhas á mistura, um pedaço de toucinho e uma garrafa de vinho? Voltar-lhe-has as costas?

— Não as voltaria, nem mesmo que me pozessem na frente do proprio S. Patricio! Estou completamente vasio, capitão; e não ha no mundo homem mais desejoso de sair d'este ni-

Inauguração do Bonus Fantastico

Assim se denomina uma nova empresa formada pelos srs. Fernando José Patricio e José Barreto Perdigão, que no dia 4 do corrente inaugurou a sua séde, no Rocio, n.º 3 — 1.º andar.

Tivemos ocasião de visitar as suas instalações, onde, além das salas de exposição dos objetos destinados aos brindes, se encontra um gabinete perfeitamente organisado para as consultas medicas com todos os instrumentos cirurgicos e medicos necessarios, e um laboratorio quimico de analises, etc.

O *Bonus Fantastico*, da forma por que está estabelecido, é completa novidade, é mais do que isso, perfeitamente original pelos fins que se propõe e pelos complicados calculos que foi preciso fazer para chegar á conclusão pratica de oferecer a maior soma possivel de beneficios ao publico, tendo por principal fito favorecer o proletariado e a pobresa.

E', emfim, uma empresa altruista, que os seus fundadores se propozeram estabelecer, na qual, reservando para si uma percentagem minima, com que se julgam compensados, repartem o melhor com o publico.

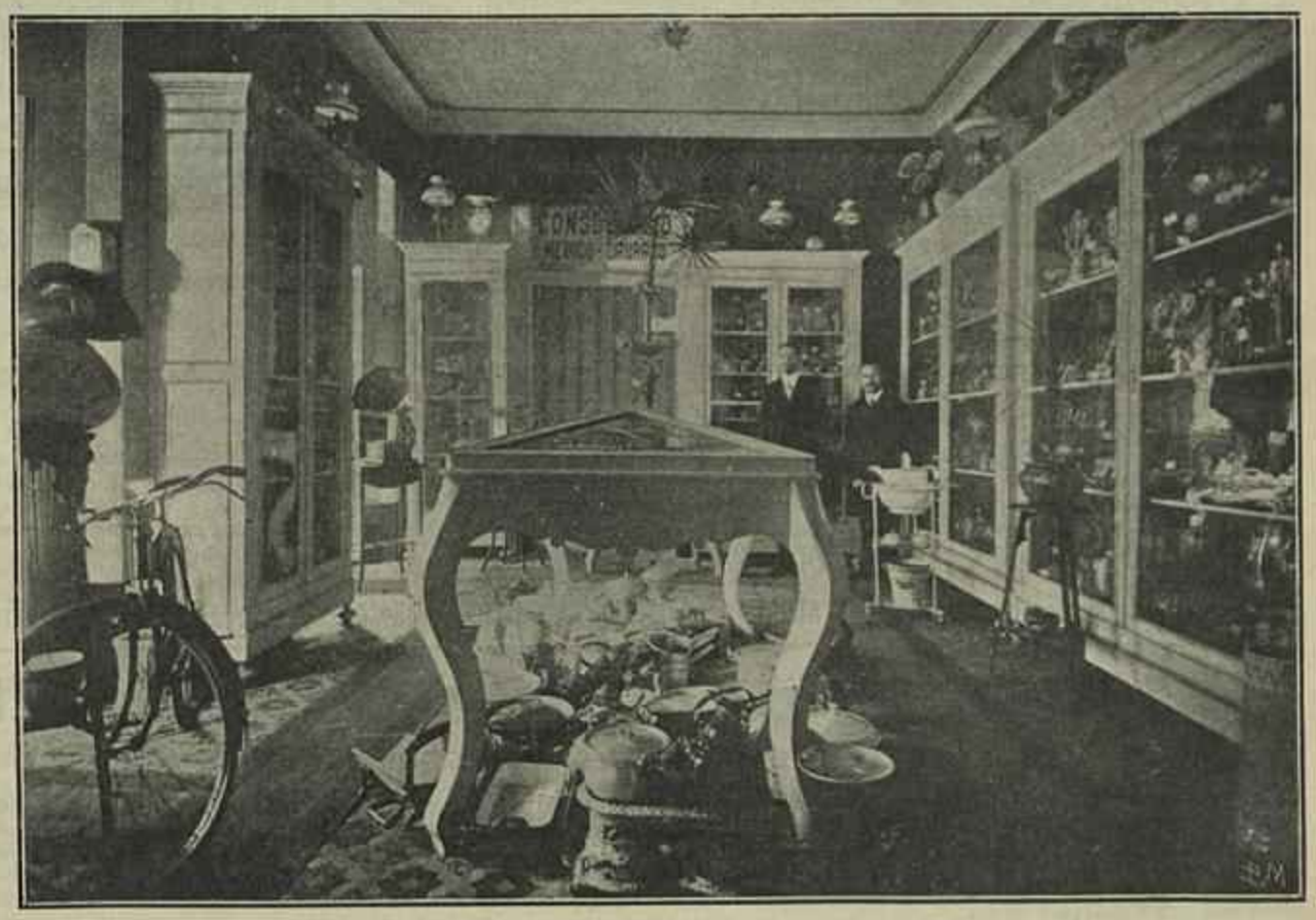
Oferecendo vantagens ao comercio, não as oferecem menores aos consumidores, e em tudo isto o que ha mais a ponderar é o apelo que fazem aos ricos, demonstrando como o rico póde ser esmoler sem sacrificio.

Os ricos, que até aqui pouco ou nada se importariam com as senhas do *Bonus*, poderão agora exigil-as e guardal-as, sabendo que as senhas do *Bonus Fantastico* pódem aproveitar imediatamente á pobresa quando para outra coisa não seja mais que comprar pão, o que é sem duvida importante, pois estas senhas são recebidas em todas as padarias da Companhia de Panificação.

As pessoas que cooperarem nesta obra de caridade, colecionando as senhas do *Bonus Fantastico*, e entregando na tezouraria da empresa para cima de 1:000, terão o seu nome inscrito no *Livro de Ouro* e, quando o numero suba a 50:000, receberão um luxuoso diploma de *Colecionador benemerito do Bonus Fantastico*, diploma que muito o deverá honrar porque sobretudo elle provará os sentimentos caritativos do seu possuidor.

Esta circunstancia, se outras se não dessem ainda, é por si bastante para recomendar e chamar a atenção publica para o *Bonus Fantastico*, tornando-o simpatico, como simpatica é a ideia que presidiu á sua creação.

O *Bonus Fantastico* realisa em nosso país um notavel progresso nas formulas comerciaes, digno de registar-se, e estamos certos que bem compreendido pelo publico, virá a desenvolver-se, o mesmo é que multiplicar os beneficios que os seus fundadores se propõem distribuir, muito especialmente aos desfavorecidos da sorte.



Uma das salas da exposição de brindes do Bonus Fantastico nas suas instalações do Rocio n.º 3, 1.º andar

nho de aguias, do que eu; ainda que tenha de fazer frente a todo o enxôfre que sae do Vezuvio. Fica porém desde já combinado em que ao escurecer sahiremos todos.

Os outros disseram «amen» e durante uma ou duas horas, fômos dormir emquanto não passava mais aquelle insupportavel calor.

D'ali a pouco, ao cahir da tarde, Dolly Venn distinguiu a chaminé d'um vapor navegando ao norte do horisonte; mas a nuvemsita de fumo perdeu-se de vista e depois d'isto parece-me que não cruzamos durante o dia, mais de vinte palavras.

Aguardavamos como homens aborrecidos e cançados, que teem em perspectiva uma grande obra e desejam acommettel-a. Ao pôr do sol, principiou a correr uma pequena aragem e foi então que começamos a dizer uns aos outros que tinha chegado a hora.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

A CASA SUBMARINA, CAP. X — ...caiam um a um no meio da ladeira.

Atelier de Alfaiate — A. COUTO

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

RUA DO LORETO

com entrada pela Rua da Emenda, 118; 1.º (á Praça Luiz de Camões) — **LISBOA**

TELEPHONE 1815

Consultorio Dentario

Do Dr. Ferreira Pires

Diplomado em Philadelphia e Escola Medica de Lisboa

Extração dos dentes sem dôr

Dentes artificiaes colocados sem placa

LISBOA — Rua Jardim do Regedor, 43, 1.º — LISBOA

E. Santos & Freire

LISBOA

Camisaria, gravataria, luvaria e perfumarias

Roupas brancas para homens, senhoras e creanças, cama e mesa

Executam-se enxovaes para casamentos, baptisados e collegiaes

24, PRAÇA DE D. PEDRO, 25

Secção especial de commissões, consignações e negócios commerciaes a cargo do sócio Fernando Freire.

20, RUA DO PRINCIPE, 22

Deposito das afamadas rendas de Peniche

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Collegio Francês — Instituto primario e secundario

Auctorisado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi-internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitorio, casa de banho com todas as commodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorisados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviam-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)

BONUS FANTASTICO

3, Praça de D. Pedro, 1.º (esquina da Rua Augusta)

Valiosas regalias aos portadores de qualquer numero de senhas a começar em **1 só.** Consultas medicas de graça. **Pão** em todas as 200 e tantas padarias da Companhia de Panificação Lisbonense a troco de senhas. **Dinheiro** na nossa thesouraria em troca de senhas. Grandes reducções em medicamentos, vestidos, chapeus de senhoras e creanças, roupas brancas, pelles, confecções, etc., idem em cerimonias religiosas, acções em tribunaes, passaportes, registos de marcas e patentes, etc. Sorteios gratis em todas as loterias de 12 contos da Santa Casa; sorteios especiaes para o commercio com premios de dezenas de contos. Esmolas aos pobres que podem ascender a muitos contos de réis. Finalmente brindes á escolha na nossa exposição como em outro qualquer bonus.

A titulo de experiencia peçam programma e ALGUMAS senhas do Bonus Fantastico e procurem a nossa casa recentemente inaugurada.

Trocamos pelos nossos brindes ou senhas, qualquer quantidade d'estas dos outros bonus em exploração